

3 Objetivos e questões de pesquisa

O referencial teórico exposto aponta para a necessidade de uma abordagem que vise à compreensão do jovem situado em seu contexto social, em sua condição de sujeito que reflete sobre o mundo e sobre si-mesmo. O jovem como um sujeito que não possui uma personalidade inata, mas também não adere simplesmente a certos padrões identitários oferecidos na sociedade; que não é determinado exclusivamente por suas condições de existência, mas que constrói sua própria identidade em confronto com as circunstâncias da realidade, por meio da linguagem e da narrativa.

Os estudos sociológicos sobre a relação dos jovens com a escola indicam que o distanciamento dos alunos em relação à escola é empiricamente observado, no entanto alertam que é importante olhar para além desta conclusão e atentar para as diferentes estratégias adotadas por eles para equilibrar o desinteresse pelas aulas com a necessidade de alcançar maiores qualificações para garantir a entrada no mercado de trabalho. No campo da psicologia, Oliveira defende uma nova epistemologia da adolescência, que deve compreender o processo de formação subjetiva do jovem como uma constante negociação entre fatores individuais e sociais.

Ademais, as contribuições acerca do conceito de identidade narrativa e dialógica ressaltam o papel da linguagem e das situações comunicativas concretas para a construção da consciência e da auto-imagem e abrem caminho para uma forma de investigar os jovens concebendo-os como sujeitos em perpétuo desenvolvimento e que conferem significado a si-mesmos e ao mundo. A auto-imagem e as opiniões pessoais são entendidas como elaborações subjetivas do repertório simbólico ao qual a pessoa tem acesso em sua vida. Nos contextos interacionais concretos estes discursos são materializados sob a forma do que Hermans (2001) convencionou chamar de “posições do *eu*”, que são postas a prova nas situações comunicativas e estão em constante reelaboração.

Já os adeptos do método autobiográfico na educação chamam a atenção para o potencial formativo da narração autobiográfica, especialmente na formação de adultos. De acordo com o defendido por este grupo de autores, a atividade autobiográfica impele uma elaboração crítica da experiência passada que dá base

a ações renovadas no mundo e pode ser uma alternativa à perspectiva tradicional de ensino que privilegia o acúmulo de conhecimento por meio de aulas expositivas. Por fim, os apontamentos em relação à potencialidade do vídeo como mediador de narrativas juvenis no faz questionar se a produção audiovisual não seria um instrumento eficaz de promover a elaboração de narrativas pelos jovens.

A fim de atender às demandas colocadas pelos estudos da juventude nos campos da sociologia e em conformidade com a concepção narrativa e dialógica da identidade, esta pesquisa tem como objetivos:

- Buscar compreender como, nos diferentes contextos interacionais propostos pela pesquisa, os participantes organizam, na forma de posições do *eu*, os diferentes discursos que compuseram sua formação e como, através de seus posicionamentos, eles revelam a construção de suas identidades como alunos.

- Avaliar a potencialidade da produção de um roteiro para vídeo como mediadora da atividade auto-epistêmica, procurando perceber como os participantes reelaboram suas identidades ao longo da oficina.

A análise dos dados obtidos por essa pesquisa buscará responder às seguintes perguntas:

- É possível perceber o processo de elaboração identitária no contexto de uma atividade de expressão autobiográfica? Seria esse um exemplo de prática pedagógica capaz de promover a participação ativa do aluno, mediando o desenvolvimento da autonomia, além de proporcionar uma relação mais propriamente dialógica com os professores e com o conhecimento?

- Que posições do eu estão expressas nas falas e práticas dos alunos com relação à escola? Que formas de “identidades-aluno” são construídas a partir dessas posições?

- Que diferentes discursos a respeito da escola competem para a formação da opinião do aluno sobre esta instituição? Como outras dimensões da vida dos jovens reverberam nas relações deles com a escola?